

## **JUVENTUDE E RELIGIÃO NO SÉCULO XXI: A CRISE DOS COMPROMISSOS RELIGIOSOS**

Wellington Cardoso de Oliveira<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo procura analisar e discutir conceitos sobre juventude e religião destacando como se dão as relações da juventude no âmbito religioso. Para isso, busca embasamento em teóricos da sociologia da juventude para uma discussão do tema proposto. Além do mais, discute a importâncias dos jovens no processo de transformação social, bem como das formas com que a religião da juventude vem se revelando na atualidade, causando impactos, incertezas e situações de questionamentos e reconstrução de valores religiosos.

Palavras-chave: religião; juventude; crise; transformação.

### **ABSTRACT**

This article intends to analyze and discuss concepts on youth and religions showing how are the relations of youth in the religious enviroment. For this analyzing theoretical in sociology of youth for the discussion on the theme proposed. Discusses the importance of young people in the process of social transformation as well as of the forms that religion of youth is currently causing impacts, uncertainties and questions and reconstruction of religious values

Key- words: religion; youth; crises; transformation.

### **1 JUVENTUDES E CONTESTAÇÃO: TRIBOS NA METRÓPOLE**

As muitas pesquisas feitas sobre juventude urbana têm procurado destacar e observar como esse grupo social se relaciona e como ele tem se destacado em um contexto marcado pela pós modernidade. Se por um lado os jovens são considerados potenciais questionadores da ordem e portadores da centelha da mudança social, observa-se também que estes podem, por outro lado, continuar reproduzindo situações sociais determinadas, além de perpetuar situações de dominação legitimando a ordem em muitos momentos.

Grosso (2000) defende a idéia de que a juventude atua como transformadora da ordem social. Segundo ele, a resistência dos indivíduos a mudança é maior entre os adultos do que entre os jovens. Isto porque os primeiros já apresentam seus quadros referenciais formados. Por isso explica que os grupos etários adultos não

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, especialista em História Cultural, Professor e Coordenador dos Cursos de Teologia e Pós Graduação das Faculdades FAIFA, tutor de Cursos a Distância pela Universidade Aberta do Brasil/UFG e professor no Colégio Kerigyma, em Goiânia. E-mail: wcotom@yahoo.com.br.

participam das mesmas idéias e valores defendidos pelas gerações mais jovens, pois estão em espaços temporais distintos. Na fase adulta os indivíduos, mesmo que questionados, são responsáveis por suas decisões e são cobrados para assumirem essa postura. Já na juventude, as decisões tomadas sempre são ancoradas pelas orientações dos pais ou de pessoas consideradas experientes, tornando a relação entre esses dois grupos tensa e propícia a conflitos. Assim tem-se uma visão representativa do mundo estruturada no espaço temporal em que estão ordenados. Tanto um como o outro estruturam suas referências de vida a partir de suas experiências sociais. Para Groppo (2000, p. 23) “na juventude [...] a vida é nova, e as forças formativas estão começando a existir e as atitudes básicas em processo de desenvolvimento podem aproveitar o poder modelador de situações novas”.

As idéias defendidas pelo autor nos conduzem a afirmar que na juventude os indivíduos estão em um estágio em que, pela primeira vez, suas experiências estão sendo formuladas de forma consciente, ao mesmo tempo sendo utilizadas como experiência pessoal nas decisões cotidianas. Já na fase adulta, as experiências sociais recebem elucidações racionais e reflexivas julgadas e analisadas a partir de conhecimentos já sedimentados na fase da juventude.

Segundo Groppo (2000), a juventude é uma potência perigosa; logo, manipular a juventude se constitui uma técnica moderna de controle social. Isso evoca a idéia que tal grupo pode legitimar valores tradicionais e institucionais dependendo da situação social e do momento histórico em que estão inseridos. Nessa perspectiva, controlar a juventude se apresentaria como forma ideológica de impedir contestações e revoltas.

Durante anos, as discussões acadêmicas sobre o papel social da juventude estiveram relegadas ao segundo plano. Entretanto, nas últimas décadas há crescimento nas pesquisas ligadas a esse tema em diversas ciências, como a Sociologia, a Antropologia e até a Psicologia. Isso é tanto decorrência quanto causa do grande destaque que vem sendo dado ao lugar da juventude na sociedade atual, bem como às transformações advindas desse segmento; esse revigoramento atinge também os estudos na área à medida que tem aumentado o interesse em analisar as dinâmicas produzidas no âmbito social por tal grupo.

A juventude tem-se constituído objeto de inúmeros estudos de diferentes perspectivas. Abordagens sociológica, psicológicas, pedagógicas, antropológicas, analisam mudanças físicas, psicológicas e comportamentais que ocorrem nesse momento da vida. (SOUZA, 2004, p.48)

Pesquisar temas relacionados à juventude configura-se na atualidade, como um desafio se levarmos em consideração que a cultura jovem faz parte de uma rede heterogênea de elementos que compõem o signo juventude. Essa heterogeneidade das culturas jovens demonstra maior visibilidade, principalmente nas metrópoles urbanas. Situação evidente, principalmente, quando observamos o aumento sistemático das “tribos urbanas” nas regiões metropolitanas dos grandes centros urbanos, onde os indivíduos se identificam de acordo com a particularidade de seu grupo social.<sup>2</sup>

Parece-nos que os efeitos da pós-modernidade discutidos por Hall (2003), vêm se apresentando com força nas últimas décadas, fragmentando as identidades que estavam solidificadas, e ao mesmo tempo, criando micro-identidades. Revelam, dessa maneira, estilos de vida, condutas morais e relações particulares de viver, forçando os indivíduos a adotarem identidades múltiplas, pois as identidades que antes eram estáveis e duradouras se encontram superficiais e provisórias. Neste sentido, Souza afirma que,

[...] os ritos de passagens não se configuram mais como possibilidade para qualquer definição de juventude. Num contexto cultural marcado por diferentes pertencimentos, interações planetárias, explosão de oportunidades para a experiência individual, as fronteiras entre juventude e maturidade evaporam-se. (SOUZA, 2004, p. 51)

Os ritos de passagens tão comuns em sociedades tradicionais que definiam as fronteiras entre jovens e adultos, maturidade e imaturidade não se mostram mais suficientes para caracterizar o que seja jovem. Parece-nos que não existem mais marco nas fronteiras e os elementos que antes serviam como norteadores de pertencimento e identidade ruíram-se em um mundo marcado pelas incertezas.

Não é preciso ir muito longe para notar cada vez mais, grupos que se fecham tornando-se cada vez mais arredios em relação às pessoas que não têm o mesmo estilo adotado pelos componentes do grupo. Assim, todo aquele que não se veste ou tem a mesma linguagem de um grupo específico, torna-se estranho no ambiente, ao passo que inserir-se num grupo torna um dos requisitos básicos para não se sentir perdido na imensidão da metrópole.

O fenômeno das “tribos urbanas” não se apresenta apenas como uma característica do mundo secular. Um olhar atento sobre grupos religiosos na cidade revelará que até em segmentos tradicionais como a Renovação Carismática Católica e

---

<sup>2</sup> Não há como deixar de mencionar, com efeito, já na abertura, o tempo pelo qual a presença, o comportamento e as práticas de grupos de jovens, principalmente nas grandes cidades, são comumente nomeados: “tribos urbanas”. MAGNANI, José Guilherme C. *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer encontros e sociabilidade* / José Guilherme Cantor Magnani, Bruna Mantese de Souza, (organizadores). – 1.ed.- São Paulo; Editora Terceiro Nome, 2007, p. 16.

nos movimentos de linha pentecostal clássica como Assembléia de Deus, a presença de tribos é uma realidade. Essa constatação torna ainda mais complexo sua análise, visto que os movimentos religiosos no Brasil já são complexos na sua formação. Juntando-se a isso, têm-se ainda as inconstâncias das culturas jovens que são reelaboradas constantemente.

Uma das características do período conhecido como pós-moderno, tem sido a fragmentação das identidades dos indivíduos. Criam-se grupos, inventam estilos próprios a fim de acompanhar a tendência mundial, ou quando não, de se posicionar contrário ao que é considerado normal. No caso da juventude, o resultado mais visível fica por conta dos novos estilos de se portar adotados pelos jovens no seu cotidiano bem como na forma de se expressar socialmente.

Com este raciocínio, destaca-se a afirmação de Souza:

O século XX termina apontando para um futuro cuja única certeza que se tem é a da mudança. As tradicionais formas de ver o mundo foram desmontadas, e a racionalidade técnica do lugar dá outras formas de pensamento. Já não se trata mais de soluções acabadas, mas de inventar, em cada situação, novas possibilidades, em um mundo em transformação com idas e vindas, quebras e dobras, cortes e rupturas. Enfim, um tempo de grandes viradas. (SOUZA, 2004, p. 52)

Diante de todas as incertezas, advindas do mundo pós moderno a juventude elabora suas concepções e seus valores ressignificando a todo o momento sua forma de ver o mundo. Desta maneira as incertezas e inseguranças do mundo atual tornam-se aspectos consideráveis ao avaliarmos as inconstâncias da juventude, pois é nesse ambiente que os jovens vivem parte de suas vidas e dele arregimenta toda sua formação como adultos no futuro.

Segundo Groppo (2000), a juventude aparece como força transformadora da modernidade, com elementos dinâmicos de um tempo em constante mudança, independente do sentido “progressivista” ou “conservador” de sua atuação. Por isso, apresentam-se ora como contestadores da ordem vigente, ora como legitimadores dessa mesma ordem. Logicamente as mudanças impostas pela juventude não acontecem de um dia para noite, mas se processam a partir de seus questionamentos sobre a realidade.

Talvez este seja o grande desafio ao analisarmos as culturas jovens, que não se configuram como adultos, por não assumirem tal condição, com identidade e referenciais estabelecidos; nem como adolescentes, pois de certa forma já adquiriram experiência na vivência diária. Tais culturas assumem posição e discursos de contestação e mudança, reafirmam sua condição de perpetuadores da tradição, valendo-se da idéia de que são

mais modernos que as gerações mais velhas. Os conflitos se materializam justamente no momento em que são colocados em cheque os valores tradicionais.

Grosso (2000) observa que estar na condição jovem perfila-se uma situação intermediária, na qual estão sendo construídas e reestruturadas visões e interpretações do mundo. Os jovens são convidados a um constante repensar de suas trajetórias e decisões, ora marcadas por um discurso de transformação e renovação, já em outras por continuação e reafirmação dessa tradição. Suas decisões e opiniões são constantemente confrontadas pelos valores adultos, que não os vêem como capazes de tomarem decisões típicas de adultos, impulsionando a juventude a contestar continuamente o que lhes pareça trivial.

#### Segundo Pais:

Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem da casa dos pais para um dia qualquer voltarem; abandonam os estudos para retomar tempos depois; encontram um emprego e em qualquer momento se vêem sem ele; suas paixões são como 'vôos de borboleta', sem pouso certo; casam-se não é certo que seja para toda vida.... São esses movimentos oscilatórios e reversíveis que o recurso à metáfora do ioiô ajuda a expressar. (PAIS, 2006, p.8)

Na juventude, as idéias estão em constante ebulição, o que possibilita que crenças, valores, tradições e práticas sejam reestruturadas a todo o momento. A condição de jovem parece ser de fronteira, não podem assumir posições de "irresponsabilidades" porque não são crianças, ao mesmo tempo em que outras decisões não lhes são permitidas porque são exclusivas de adultos.

Essa situação intermediária demonstra a localização social em que os jovens se encontram na representação social; as decisões e os referenciais que nortearão os jovens por toda sua vida são estruturados a partir dessa localização. É no ambiente intermediário que as culturas jovens se fazem e refazem diariamente, criando seus signos de reconhecimentos e identidades. Estar no ambiente intermediário, remete-nos a idéia de uma localidade que não se apresenta estática, porém em um movimento constante de cruzamento e reestruturação de valores e idéias.

Pais (2006) chama atenção para os caminhos percorridos pelos jovens ao observar que enquanto as gerações mais velhas orientam sua vida por caminhos e valores de segurança, os jovens escolhem muitas vezes as rotas da ruptura e do desvio, fazendo de sua passagem para outra fase um momento de aventura e risco. A opção pelo risco seria

uma forma questionadora do cotidiano e das monotonias impostas pelo ritmo de vida, além de ser uma forma de libertação velada do tradicionalismo das gerações mais velhas.

Nessa perspectiva, a disposição ao risco por parte da juventude seria um mal necessário, pois ao mesmo tempo serve como forma de exceder o ritmo monótono de vida, propiciando que a cultura jovem seja vista, notada e comentada; e é assim mesmo que esse olhar exponha situações de contestações e de desapego àquilo que as gerações adultas esperam da juventude. As próprias gerações adultas não esperam muito dos jovens na sua juventude; sua expectativa concentra-se mais no momento em que se tornarão adultos por acreditarem que é nele que terão capacidade de tomarem decisões consideradas típicas da fase adulta.

É na juventude que as idéias estão em formação e suas decisões estruturadas em referenciais que estão se solidificando. Por isso as decisões desse período são marcadas por inconstâncias e incertezas, conduzindo a juventude a se contradizer em vários momentos.

### 1.1 JUVENTUDES NAS PERIFERIAS DAS METRÓPOLES

Uma análise desse grupo aponta para um consenso, visto que há situações que lhe são comuns, como também pode suscitar dúvidas e discussões, pois sugerem interpretações diferenciadas levando-se em consideração a complexidade que o grupo tem.

Como a concepção de juventude nos encaminha a inúmeras conotações, percebemos que enfrentamos uma situação ainda mais indefinida. Jovem na atualidade pode estar relacionado a diversos significados, que vão desde o local de moradia, a forma de se vestir, falar, andar, e até de se posicionar em relação a determinados assuntos. A própria sociedade vai criando signos e nomeando-os como sendo ou não pertencentes ao grupo social juventude.

Usando critérios de pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000) que classificam jovens por faixa etária, consideramos jovem o grupo de indivíduos que tem uma faixa etária de idade entre 15 e 24 anos de idade. Entretanto, o critério etário tende a ser reducionista ao analisar esse grupo partindo apenas desse elemento; afinal, mesmo estando na mesma faixa etária, há diferenças consideráveis até entre jovens residentes na mesma cidade e que moram em localidades diferentes; é o caso de jovens da periferia que têm situações de vida distintas de jovens que moram em áreas nobres.

Ainda, de acordo com critérios utilizados pelo IBGE (2000), o grupo juventude está inserido no rol de população economicamente inativa, isto é, daqueles que não têm renda estabelecida, que não trabalham e mesmo que trabalhem não sustentam família. Talvez a deficiência desse conceito esteja no fato de não considerar que grande parte da população jovem brasileira, que vive nas regiões de periferia e que se enquadram nessa faixa etária, trabalha e ajuda no sustento de casa, e, em muitos casos, são provedores do sustento familiar. São jovens que desde cedo foram obrigados a abdicarem de sua juventude para adquirirem responsabilidades consideradas típicas de adultos.

Novaes (2006) explica que para esses jovens que não tiveram direito a infância, a juventude começa mais cedo. Em outras palavras, explicita que são jovens com idades iguais que vivem juventudes desiguais. Uma realidade visível nas periferias de metrópoles como Goiânia, onde jovens cada vez mais cedo são forçados pelas circunstâncias em que vivem a procurarem mecanismos de sobrevivência. É por isso que em regiões metropolitanas como Goiânia o número de jovens e crianças oferecendo produtos nos sinaleiros ou trabalhando como “flanelinhas” nas portas de estabelecimentos comerciais, aumenta a cada dia, denunciando situações de abandono e de falta de emprego.

Há ainda casos extremos de situações onde estes jovens não conseguem colocação em pequenos empregos, e são adotados pelos traficantes da região e sucumbidos pela marginalidade que, em grande parte dos casos, conduz a prisão. Na pior das circunstâncias a maioria deles acaba morrendo de forma prematura e violenta. Segundo estimativas de pesquisas feitas pelo jornal O Popular (24/08/2008), o alto índice de assassinatos na periferia da cidade de Goiânia tem como foco jovens entre 15 e 26 anos. Segundo dados da pesquisa, a maior parte desses assassinatos está relacionado com o tráfico e ao uso de drogas.

Embora no Brasil seja considerável a parcela da população jovem algo em torno de 3,5 milhões, um dos grandes desafios dos órgãos públicos brasileiros está justamente em investir em políticas públicas capazes de assistir esse grupo. Contudo, isso não é atraente ao poder público, pois esses indivíduos ainda estão em formação tanto profissional como humana e configuram-se nas estimativas oficiais como sendo parte da População Economicamente Inativa (PEI).

No que tange ao quesito cor, parece-nos haver certo equilíbrio em relação a brancos e negros brasileiros. Enquanto 49,2% do total da população jovem se identificaram como branca, outras 50,5% se auto-declararam negros. Convém ressaltar que esse equilíbrio mostra-se apenas na contagem desse grupo, pois uma análise mais detalhada que considere fatores econômicos e sociais vai demonstrar que entre esses

dois grupos há diferenças marcantes. Isso revela uma alta concentração econômica entre os jovens de cor branca em relação aos negros, principalmente quando levamos em consideração o tempo de estudo, a renda econômica e as oportunidades de acesso ao primeiro emprego.

Em Goiânia, o número da população jovem não difere da média nacional. Dados do IBGE (1996) pontuam que 22,1% da população goiana é composta por jovens e que 69% desse total fazem parte das classes D (famílias que sobrevivem com um a dois salários mínimos) e E (famílias que sobrevivem com menos de um salário mínimo). Quase 70% do total dos jovens em Goiânia são de classe baixa, retratando o porquê de ser justamente entre esse grupo que mais tem aumentado o número de pessoas vítimas de assassinatos.

Como dito alhures, em grandes cidades como Goiânia, os altos índices de assassinatos e de violência acontecem justamente nessa faixa etária. Estatísticas da Delegacia Estadual de Investigação de Homicídios mostram que o número de mortes em Goiânia relacionadas ao tráfico e uso de drogas aumentou de 27,9% para 72,3% dos casos, no período de 2003 a 2007. (O popular 24/08/08). Logo, os altos índices de violência denunciam a fragilidade das políticas de assistência social, deixando os jovens mais sujeitos a investidas de traficantes e susceptíveis a todo tipo de ofertas que lhes pareçam mais agradável e satisfatória.

Outro fator que devemos observar diz respeito ao local de moradia; o endereço desempenha uma função preponderante no processo de inclusão ou exclusão das pessoas. Quem mora na periferia convive diariamente com o estigma da pobreza; em algumas cidades, muitos bairros carregam no nome o peso estigmatizante da violência, da pobreza dentre outros aspectos considerados excludentes. Quem mora na periferia todos os dias se vê obrigado a vencer vários desafios impostos pela condição social.

Na periferia, os indivíduos, sofrem a escassez de serviços públicos, além de conviverem com a marca de morar em bairros subjugados pela violência, aonde quase nunca as políticas públicas chegam. Para a juventude, essas nomeações acabam fazendo toda diferença, visto que a maioria se sente diminuída ou coagida por residir na periferia. Em muitos casos, identificar-se como morador da periferia significa perda de oportunidades.

Dentre as inúmeras formas de preconceito entre a juventude, a “discriminação por endereço”, adiciona-se as demais formas de preconceito produzindo e restringindo acesso, incluindo e excluindo. A questão é vista assim:

Para a maioria da juventude brasileira que vive nas grandes cidades, há ainda outro critério de diferenciação: o local de moradia. O endereço faz a diferença: abona ou desabona, amplia ou restringe acessos. Para as gerações passadas esse critério poderia ser apenas uma expressão de estratificação social. (NOVAES, 2006, p.106)

Assim, perguntas como “onde você mora?” ou afirmações como: “você mora muito longe”, carregam discriminações veladas inerentes ao local de moradia dos indivíduos. O nome de muitos bairros por si só carrega fardos pesados de discriminação e são conhecidos por adjetivos negativos, como: violentos, perigosos, barra pesada, dentre outros. Isso desperta seus moradores a viverem sobre uma constante tentativa de superação das adversidades que lhes atingem socialmente.

Apesar da categoria jovem não estar incluída na População Economicamente Ativa (PEA) destacamos que tal parcela vem adquirindo importância econômica à medida que são alvos de inúmeras investidas comerciais de apelo ao consumo. Uma análise mais atenta mostrará que os vários apelos comerciais veiculados à mídia, têm na juventude seu alvo principal demonstrando que este grupo tem alto potencial de consumo.

Rocha (2006) chama atenção no que diz respeito ao fato de que o consumo entre a juventude parece ter poder coercitivo, uma vez que constrói um sistema de representações que, coletivamente compartilhado, atua como força social em relação ao indivíduo. No caso da juventude, produzindo significado de pertença, construindo mapas culturais e identidades sócio-espaciais. Isso justifica o porquê de grande parte das propagandas de apelo ao consumo estarem voltadas para esse segmento social. Para a juventude, o consumo configura-se como regulador do ambiente à medida que possibilita identificação com outras pessoas que usam ou têm o mesmo produto.

Gropo (2000) define juventude como uma categoria social e observa que tal definição faz da juventude, mais que uma faixa etária ou classe social restrita a limites de idade ou sexo. Segundo ele, é mais complexo por evidenciar estilos de vida de um grupo que está passando por uma intensa transformação de sua visão de mundo, da religião e de outros elementos que lhe pareciam estabelecidos como verdade absoluta. Assim, uma análise desse grupo deve estar ancorada nas várias possibilidades inerentes a esse segmento.

Quanto à “categoria social”, devemos ter em mente que a juventude não faz parte de um grupo social coeso e específico à medida que temos situações sociais específicas e diferentes. Antes se apresentam como uma representação simbólica de um grupo social que tem comportamentos e atitudes que lhes foram atribuídos socialmente.

Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. (GROPPO, 2000. p. 7, 8).

São esses comportamentos e atitudes que transformam a juventude em um objeto importante de análise, pois sugerem graus diferenciados de recepção e significação de discursos. Indivíduos que estão num período importante de suas vidas, período de transição e reformulação de crenças, valores e sentimentos. Os jovens vivem num período de vida onde suas idéias estão sendo construídas, questionadas e reinventadas cotidianamente.

Embora a opção pelo uso do termo juventude pareça relativista demais, a decisão em usá-lo talvez seja a mais apropriada levando em consideração que o comportamento social da juventude muda de acordo com a classe social, com a cultura e até com a opção religiosa. Dessa forma, torna-se necessário para a discussão usarmos um conceito que seja apropriado ao ponto de captar com mais precisão os diferentes comportamentos das culturas jovens. Comportamentos que são estruturados a partir de um conjunto de signos e teias de significados pertencentes ao grupo.

## 1.2 JUVENTUDE, RELIGIÃO E CRISE DOS COMPROMISSOS RELIGIOSOS

Cada vez mais aumenta o interesse de pesquisadores pelos fenômenos religiosos. A juventude desse século parece ter dado um novo significado para o conceito de religião. Pesquisas recentes divulgadas pela revista *Isto é* (25/06/2008), parecem confirmar o que há tempo os diversos pesquisadores da religião vêm observando: os jovens deste século estão valorizando mais a sua fé do que a religião materializada na instituição. Ao mesmo tempo aponta que a juventude tem produzido ou reproduzido uma nova forma de entender o mundo e a religião valorizando mais a experiência pessoal do que a relação institucional.

Segundo Novaes isso é possível por que:

Nessa geração nada pode ser visto como muito estável, pois o que mais a caracteriza é a disponibilidade para a experimentação, o que ocorre também no campo religioso. São os jovens os que mais transitam entre vários pertencimentos em busca de vínculos sociais e espirituais. (NOVAES, 2006, p.271)

Desta forma, as pesquisas apenas confirmam aquilo que há tempo tem sido observado pelos cientistas da religião: os sujeitos da pós-modernidade dão mais valor a sua forma de crer do que à instituição religiosa. As instituições com todo seu aparato regulador representam compromissos e obrigações ao passo que para os jovens a forma de crer não precisa necessariamente se firmar em uma instituição.

Tavares e Camurça (2004) constataram, através de pesquisa com jovens universitários, que o fator religioso está mais presente entre jovens negros, mulheres e membros de família com pouca escolaridade e ou moradores da periferia. A pesquisa observa que no decorrer da trajetória estudantil, a maioria dos jovens tende a passar por um processo de recombinação de suas crenças religiosas.

Os autores ainda advertem que:

Os jovens estudantes mineiros pesquisados seguem as tendências gerais que têm sido apontadas para a religião em nosso país e para a juventude brasileira como um todo. Eles são francamente católicos. Escolhem sua religião por motivos pessoais. Sua participação nas atividades religiosas é modesta, embora um número expressivo faça oração diária. (TAVARES; CAMURÇA, 2004, p. 61).

Assim, podemos observar que algumas características marcantes da pós modernidade vêm se revelando nas décadas que sucedem. Uma delas é a perda de autonomia das instituições religiosas frente aos seus fiéis que não se sentem mais obrigados a obedecer regras e padrões de conduta pré-estabelecidos. Talvez, por isso, não se sintam incomodados em expressar suas crenças, valores e sentidos, transitando em diferentes formas religiosas.

Os jovens já não enxergam a instituição religiosa como sendo única produtora de sentidos religiosos, nem como portadora exclusiva de verdades religiosas. Isso encaminha os indivíduos a não se sentirem incomodados em questionarem as decisões institucionais. Ou mesmo que não questionem, adotem práticas e estilos condenados pela instituição a qual estão filiados. Essas práticas de enfrentamento, ainda que maquiadas, revelam descontentamento e tensão entre as gerações, pois conservam, em seu bojo, sentimentos de renovação e mudança.

Fernandes e Pitta (2006, p. 123) salientam que “nesse momento da vida, os jovens estão envolvidos com experiências estudantis, preocupados com trabalho, lazer e vida efetiva, e a religião, embora presente, tende a não aparecer como fator prioritário.” Embora a perda de autonomia das instituições religiosas venha se firmando como

realidade, esta não pode ser entendida como um fenômeno simples, antes resultado do processo de secularização, que reestruturou o lugar da religião na sociedade atual.

Rivera pondera que o fenômeno da secularização parece ter transformado o lugar da religião na sociedade à medida que a pós modernidade oferece aos sujeitos várias possibilidades e opções religiosas, conforme se confirma na citação abaixo:

O enfraquecimento das tradições implica numa proliferação de opções religiosas, e um resultado inevitável é o declínio dos compromissos religiosos. A expressão pública de múltiplas formas religiosas contemporâneas significa, para não poucos estudiosos da religião, pura e simplesmente uma negação da secularização desprezando-se qualquer necessidade de rediscutir o conceito. Mas uma análise mais cuidadosa da teoria da secularização, demonstra logo a superficialidade dessas leituras. (RIVERA, 2002, p. 104)

Isso enfraquece o processo de transmissão da tradição religiosa gerando declínio das instituições e crise nos compromissos religiosos. No caso da juventude, o efeito da secularização nos parece mais em evidência pela facilidade dos jovens em questionar e buscar novas possibilidades. Em consequência, a religião da juventude deixou de ser institucional para ser pessoal. O jovem pós-moderno não se vê obrigado a continuar no mesmo percurso religioso dos pais, pois se percebe autônomo na configuração de sua forma de crer não vendo necessidade de estar preso a determinações e convenções religiosas tão comuns nas religiões herdadas.

A própria forma de transmissão religiosa outrora tão latente entre os protestantes históricos vem entrando em declínio, apontando para um possível enfraquecimento da religião tradicional e reconfigurando as formas de assimilação das práticas religiosas dos seus sujeitos. Segundo Hervieu-Léger (2000), a crise da transmissão religiosa atingiu todas as instituições de socialização como a família, a religião e a escola, pois estão inseridas em um contexto de relativismo que coopera para tal situação.

Por isso, precisamos entender que não vivemos mais em uma sociedade orgânica estruturada em um único centro. Antes num mundo marcado por relativismo que obriga os indivíduos a se tornarem cada vez mais autônomos em relação a várias esferas de sua vida. No espaço religioso, a configuração dessa situação se torna real ao observarmos a facilidade que os indivíduos encontram em aderirem inúmeras formas de manifestação religiosa, mesmo que estranhem a sua origem.

Essa crise da transmissão religiosa acentua os conflitos geracionais, pois revela certo inconformismo de grande parcela da juventude que não se sente a vontade para

seguir os modelos familiares tradicionais de religiosidade. Ao mesmo tempo, evidencia desejos de mudanças, busca por transformações, questionamentos e ansiedade tão comuns nesse período de vida. As estruturas religiosas já não se sustentam mais como outrora, ao passo que são criticadas, questionadas e, em alguns casos, burladas.

Hervieu-Léger (2000) destaca que, em se tratando de religião, os filhos jamais serão aquilo que os pais esperam que eles sejam. Isto é, a imagem fiel deles mesmos. Para a pesquisadora, há uma tendência na sociedade atual ao enfraquecimento da transmissão religiosa, o que acaba gerando uma crise em relação à tradição. Por outro lado, a mudança não se configura como ameaça à continuidade; ao contrário, a continuidade está assegurada em e pela mudança.

Logicamente, ao se tornarem adultos, mesmo não levando a risca a tradição religiosa dos pais, os jovens terão oportunidade de estruturarem sua religiosidade com fundamento naquilo que sempre questionaram e creram. Todos os conflitos gerados durante a fase de juventude servem de base para estruturar suas decisões que se firmam em cima das experiências vivenciadas no cotidiano. E, mesmo não seguindo a risca as idéias defendidas pelos pais, suas decisões têm por base a tradição familiar.

Nesse contexto recente, as identidades religiosas são cada vez menos herdadas e cada vez mais construídas a partir das experiências pessoais dos indivíduos. Convém ressaltar que uma das características da religião nesse século está centrada justamente na possibilidade de cada pessoa ter sua forma de crer e se expressar, que resulta em uma multiplicidade de crenças e valores religiosos.

Analisando jovens na região da baixada fluminense, no Rio de Janeiro, Burdick (1998) observou que apesar de haver na comunidade mais de dois mil jovens, apenas 7% desse total freqüentava qualquer tipo de instituição religiosa. O antropólogo observa que para os jovens dessa comunidade, freqüentar qualquer uma das igrejas ali existentes significava estar preso a responsabilidades e autoridades (características típicas da população adulta). Não freqüentar uma instituição religiosa, segundo o autor, constitui uma forma encontrada pelos jovens dessa região de ficarem livres de qualquer forma de compromisso mais estreito com uma instituição religiosa.

Na iminência de fugir da responsabilidade é que muitos jovens preferem não se apegar a religião (instituição), mas apenas a sua fé, dando uma clara demonstração de não se sentirem incomodados com essa situação.<sup>3</sup> Os jovens não vêem a instituição

---

<sup>3</sup> O termo fé é aplicado nesta pesquisa de forma global, não apenas em termos teológicos, isto é, crença da pessoa em uma divindade particular ou seguimento específico. Exemplo: o Deus Javé da tradição cristã. Por fé denominamos a possibilidade da crença e/ou convicção do indivíduo em uma ou mais da realidade, inclusive de caráter não religioso, capaz de fornecer sentido e orientação a vida humana: filosofias, utopias,

religiosa como única representante de Deus, nem como produtora absoluta de sentido; vêem-na, antes, como uma forma de adquirirem responsabilidades incomuns para indivíduos nesse período da vida.

Entre a população jovem, observa-se uma tentativa de negação da religião herdada. Segundo Pais (2006), isso não acontece de forma elaborada, mas porque faz parte da cultura jovem a idéia de negação de tudo aquilo que lhe é imposto, a juventude vai à contramão do considerado normal. No caso da religião, aceita-se a tradição herdada, entretanto ressignificam-se as práticas religiosas para não parecerem tradicionais. Isso fica evidente quando se analisa que nesse século o jovem participa de atividades religiosas, porém não está interessado em se vincular institucionalmente.

### 1.3 DO CENTRO À PERIFERIA: JUVENTUDE NA REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA

Nas grandes metrópoles, os espaços geográficos são administrados e gerenciados pelo Estado que legitima quem deve usar e de que forma esses espaços serão utilizados. Embora o discurso do poder público seja de que esses espaços sejam organizados em prol da população observa-se que essa população tem classe, cor e renda definida. Além do fato de que os benefícios do Estado atendem a um grupo limitado e específico.

Em outras palavras, nas grandes metrópoles as pessoas indesejadas são cada vez mais obrigadas a morarem em locais afastados do centro, distantes de todos os benefícios e assistência pública, componentes básicos para sobrevivência.<sup>4</sup> Longe de todo tipo de assistência e vulnerável as mazelas sociais, os indivíduos da periferia se tornam reféns de própria sorte.

No Brasil é notório um acentuado aumento das diferenças sociais que acabam gerando favelização obrigando as pessoas menos favorecidas a morarem cada vez mais longe do centro das grandes cidades. Esse processo não é exclusivo de uma única cidade, pois faz parte de uma característica do mundo capitalista que exclui cada vez mais os indivíduos desprovidos de capital para lugares cada vez mais longe.

Não é de hoje que o local de moradia desempenha um papel importante na vida das pessoas, seja incluindo ou excluindo indivíduos. Em capitais como Goiânia, isso fica evidente nos bairros da periferia que apresentam nitidamente diferenças sociais, que, ao

ciência, política, pessoas, objetos, etc.

<sup>4</sup> Isso quer dizer que indivíduos não se movem no espaço social de maneira aleatória, parcial, porque eles estão sujeitos a forças que estruturam esses espaços e assim a distribuição das pessoas no espaço não é acidental. SILVA, Rosane, Fernandes. Condomínios horizontais Fechados em Goiânia: Um Caso; Prive Atlântico. Dissertação de Mestrado UFG 2003. p.32.

mesmo tempo, essas são produzidas no cotidiano da periferia. Um olhar mais atento revelará situações de abandono, falta de infra-estrutura e, em alguns casos, condições precárias de sobrevivência.

No caso da juventude, a situação se mostra ainda mais complexa, pois os jovens se vêem obrigados, desde cedo, a decidirem entre o trabalho e o estudo. De forma precoce, são forçados pela desfavorável situação financeira, a trabalharem para ajudar na despesa de casa e para se manterem. Dessa maneira, torna-se um fardo pesado trabalhar o dia inteiro e à noite ainda ter de freqüentar a escola, que, de modo geral, não lhes oferece atrativo algum. Instala-se aí uma das justificativas quanto ao grande número de evasão escolar no ensino médio, onde os jovens têm uma faixa etária de idade que lhes obriga a trabalhar para sobreviver.

Novaes (2006) chama a atenção para o fato de que no Brasil, entre os jovens brasileiros, as desigualdades mais evidentes são remetidas à classe social. Para ela, o recorte fica nítido na relação escola/trabalho. A indagação sobre quando e como os jovens começam ou terminam seus estudos expõe as fissuras de classe presentes na sociedade brasileira. Este “quando” e este “como” revelam acessos diferenciados a partir das condições econômicas das pessoas. Apesar do abandono dos estudos por grande parte dos jovens, em razão do trabalho, Novaes (2006) adverte que a escola ainda continua sendo vista pelos jovens como sendo o único meio de mudança social possível, além de se apresentar como a instituição mais confiável para este grupo social.

Outra situação marcante da periferia e que afeta diretamente a juventude relaciona-se com a violência. Pesquisas feitas pela UNICEF (Fundo das Nações Unidas Para Infância) (2005) acerca de assassinatos nas grandes metrópoles revelam que, no Brasil, o número de jovens assassinatos é maior do que de outras faixas etárias. A pesquisa observa que tais assassinatos, em sua maioria, estão ligados ao consumo de drogas. Em regiões de periferia, os jovens estão mais suscetíveis ao envolvimento com entorpecentes, pois raramente nessas regiões há projetos consistentes que os envolvam com atividades efetivas. Logo, as benesses oferecidas pelo mundo do tráfico e das drogas, seduzem mais esses indivíduos, visto que oferecem benefícios financeiros e resultados rápidos.

Na periferia de Goiânia, a realidade da juventude não se difere em menor ou maior grau que em outras regiões. Um caso que recentemente chamou a atenção da população da capital e até da imprensa nacional e internacional, foi o assassinato da inglesa Cara Marie Burke (O Popular 26/07/2008, p.3) morta e esquartejada por um jovem usuário de drogas que após o homicídio a lançou em um córrego da região leste da capital.

Acontecimentos desse porte acabam por revelar os altos índices de violência a que bairros da região estão sujeitos, além de demonstrar como o consumo de drogas na região tem aumentado. Além do mais, expõe a situação em que vivem os moradores ao serem obrigados a conviver com todo o histórico negativo a que essas situações os expõem.

#### 1.4 JUVENTUDE, CONFLITO E MUDANÇAS TRADICIONAIS

Inúmeras são as literaturas que fazem referência à juventude como fator de transformação e mudança social. Se no âmbito secular, há uma tendência em perceber a juventude como portadora de dispositivos capazes de produzir transformações, na esfera religiosa tal análise tem adquirido espaço ao notarmos que os conceitos religiosos, de uma forma em geral, vêm sendo reformulados em suas concepções, tradições e origens. Não que os jovens sejam os únicos capazes de produzir mudanças, mas porque estes estão sujeitos a tal situação, uma vez que vivem um momento de construção e reconstrução do conhecimento.

Segundo Foracchi (1972), os indivíduos de uma mesma sociedade compartilham de um acervo comum de experiências e situações de vida. O que os torna diferentes é justamente o espaço de localização social em que cada sujeito está inserido. Essa localização é que produz diferenças geracionais, pois cria uma lacuna entre o grupo, uma estratificação diferencial de vida que faz com que cada um adapte suas idéias, valores e conceitos de acordo com sua localização social. Localização aqui não nos remete a idéia de espaço geográfico, mas de localização social no contexto sócio-cultural. São essas experiências do período de juventude que formam os fundamentos básicos de tudo aquilo que será usado na fase adulta. Segundo Foracchi podemos compreender melhor como origina a juventude se considerarmos que,

O importante, todavia, é registrar que o estado de crise que marca social e psicologicamente a juventude é o ponto de convergência das diferentes caracterizações. As relações entre as gerações, o conflito ou continuidade que entre e as se estabelecem, são analisadas com base na crise da juventude ou, mais precisamente, na crise de uma geração. Dessa colocação a juventude surge, naturalmente, como um problema particular e como um conceito a ser examinado. (FORACCHI, 1972, p.25)

O conceito de localização, ao ser usado para mostrar as contradições geracionais existentes entre jovens e adultos, remete-nos a idéia de que os grupos sociais estão em espaços temporais iguais porque vivem no mesmo tempo. Entretanto, é a localização

social que identifica e ao mesmo tempo aloca cada grupo no seu devido lugar. Logo, os conflitos geracionais nada mais são do que a luta de uma geração a fim de preservar ou não os valores da geração anterior. Os conflitos eclodem quando os grupos mais antigos vêem suas tradições ameaçadas pelos discursos de renovação característicos das gerações mais jovens.

Para Groppo (2000), os conflitos geracionais são necessários desde que na dose certa, por permitir a construção de identidade e ajustamento ao grupo. Por isso, observa que, para os indivíduos maduros, a resistência à mudança social é, portanto, muito maior do que entre os jovens, uma vez que os adultos já têm seus quadros referenciais formados e estabelecidos. Na fase adulta, os indivíduos firmam suas decisões baseadas nas experiências sociais. Suas decisões, em geral, baseiam-se em ações padronizadas com fundamentos nos conhecimentos já cristalizados. O mesmo não ocorre com a juventude que, em grande parte de suas vidas como jovens, precisam tomar pela primeira vez, decisões que só depois de um tempo lhes servirão como modelo e referência.

Numa sociedade onde as identidades sociais tornam-se cada vez mais transitórias e passageiras, os conflitos e diferenças tendem a aparecer com mais facilidade, evidenciando ainda mais as contradições entre os grupos e seus anseios. Na pior das hipóteses, essa situação trará a tona não só diferenças de localização social, como certezas e situações de acomodação e conservação do tradicionalismo, fortalecendo ainda mais as distâncias e os conflitos entre os diferentes grupos.

## **2 JUVENTUDE, RELIGIÃO E CONFLITO**

Se no âmbito secular os conflitos geracionais estão sempre em evidência no contexto religioso, esses conflitos também acontecem em maior intensidade. Enquanto no mundo secular, as diferenças entre os grupos se apresentam amalgamadas por diversos outros elementos do cotidiano, no ambiente religioso esses conflitos se tornam evidentes, principalmente, quando se observa que no mundo das religiões a busca pela continuação da tradição é um discurso diário das gerações consideradas adultas.

Nas instituições religiosas, a presença do conflito dá-se justamente no processo de perpetuação da tradição. Nas gerações consideradas adultas, há uma busca incessante pela continuação da tradição. O discurso da juventude é marcado pelo desejo de renovação e, enquanto as gerações jovens acusam os adultos de serem atrasados e de apegados ao tradicionalismo, as adultas as acusam de serem desapegadas com a

tradição e ainda de descompromissadas com a instituição religiosa e seus dogmas. Tais conflitos trazem à tona as contradições que existem entre os indivíduos à medida que deixam transparente sua forma de agir e pensar.

Segundo Hervieu-Léger (2000), um dos fatores que mantém viva as religiões é justamente o processo de mudança que essas sofrem ao longo de sua existência. Tais mudanças estão em grande parte ligadas, principalmente, às insatisfações das gerações mais jovens com o tradicionalismo seguido pelos mais velhos. Cabe ressaltar que nas religiões são as mudanças que mantém viva a continuidade da tradição, assegurando que elementos considerados importantes dentro do segmento apenas vão receber uma nova abordagem considerada mais moderna. Entretanto, deve-se levar em consideração que nas sociedades consideradas modernas, as construções religiosas se dão a partir de experiências que foram formadas a partir da vivência dos sujeitos ao longo de sua trajetória e tempo de vida. Desta forma, destacamos que,

Não significa dizer que as instituições religiosas não mudam. Significa que as mudanças não pode se impor senão na medida em que ela está integrada à representação coletiva de uma continuidade absolutamente preservada: assim, as tentativas de reforma religiosa se apresentam, regra geral, como ensaio de retorno a uma tradição autêntica e contra uma tradição desnaturada pelo uso que se faz dela no presente, ou ainda, como resultado de uma radicalização dessa tradição, que justifique uma renovação ou uma inovação da religiosa. (HERVIEU-LÉGER, 2000. p. 41).

A vivência compartilhada dos indivíduos de uma mesma tradição religiosa, não significa que esses apresentem uma noção ordenada dos elementos que compõem seu acervo religioso. Como dito alhures, jovens e adultos estão alocados em espaços geográficos dispares, por isso que as diferenças e contradições ficam evidentes entre as gerações jovens e adultas de um mesmo grupo religioso. Como afirmado anteriormente, os conflitos geracionais são importantes desde que na dose certa, pois permitem a construção de identidades e ajustamentos ao grupo. Como na juventude, as identidades estão em constante reformulação; os conflitos acabam fomentando ainda mais as diferenças entre os indivíduos.

Segundo Groppo (2000), a juventude seria um agente revitalizador da modernidade por constituir elemento dinâmico de um tempo em constante mudança, mesmo que suas ações sejam conservadoras ou liberais. Os próprios jovens procuram acentuar suas diferenças em relação aos adultos em uma clara tentativa de se mostrarem diferentes. Opor-se aos papéis sociais delegados pelas gerações mais velhas, significa negar o que

foi estabelecido. Em se tratando de ambiente religioso, tal processo de diferenciação ao mesmo tempo em que evoca desencontros entre os indivíduos, fortalece ainda mais os movimentos religiosos ao garantir a continuidade dos ideais de seus fundadores. Mesmo que o discurso da juventude seja marcado pela constante busca de um renovar do movimento, suas origens se remetem ao lugar de origem e à tradição religiosa.

No âmbito das relações religiosas, essas se firmam justamente no contexto do processo de transmissão e afirmação da fé religiosa. Além do mais, percebe-se um decrescente número de jovens que seguem a mesma religião dos pais, numa demonstração clara de que o fenômeno das religiões herdadas está em declínio, demonstrando o que as inúmeras pesquisas do campo religioso têm indicado a respeito de um novo lugar da religião no mundo considerado pós- moderno.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das discussões acima, percebemos que os conflitos geracionais ocorrem justamente porque os diferentes grupos sociais não têm a mesma interpretação da realidade. Dessa forma, o texto em questão aponta para necessidade de se observar como a juventude desse século assimila as orientações cotidianas de suas lideranças, bem como ressignificam suas práticas, experiências, visões de mundo e sentimentos de pertença religiosa.

Ao apontar como os jovens desse século percebem a religião, aponta-se também caminhos para uma possível mudança na postura em como esse grupo é e tem sido percebido. Sem dúvida, as características ora apresentadas, configuram-se como desafio para as igrejas desse século tendo em vista que os jovens de agora serão seus líderes amanhã.

Dessa forma ao relativizar a religião, sua fé e crença, os jovens tendem a se distanciarem do propósito defendido pelas instituições que sempre prezam pela continuidade da tradição e pela construção de uma identidade religiosa; o que já não aparece como regra no momento.

Assim, ao evidenciarmos tais conceitos e discussões trabalhados pela sociologia da juventude, procuramos apontar os caminhos que a juventude vem percorrendo nesse século e como isso afeta diretamente as relações “juventude/religião”. Sendo assim, ao atentar-se para essas características, pressupõe-se uma oportunidade para que as

instituições religiosas repensem suas práticas e principalmente a forma em como suas mensagens são transmitidas aos diversos grupos que a compõem.

Ademais se acredita que haja necessidade de um ressignificar, não da palavra (Bíblia), mas da forma com que nos portamos e vivenciamos o evangelho no presente século. Nesse sentido, devemos nos portar e vivenciar o evangelho não nos conformando com as nuances do momento, mas transformando nossas vidas para melhor servirmos no reino e para o reino de Deus.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Maria de Lurdes. *Goiânia uma cidade de migrantes*. Dissertação de Mestrado. Goiânia UFG, 2002.

ALMEIDA, Ronaldo e MONTEIRO, Paula. *Trânsito Religioso no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BASTIAN, Jean-Pierre. *La Mutación Religiosa de América Latina: Para una sociología del cambio social en la modernidad periférica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, Peter L, e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: a orientação do homem moderno*. Tradução de Edgar Orth. Petrópolis, RJ. Vozes, 2004.

BITTENCOURT Filho, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis, RJ: Koinonia, 2003.

BORAN, Jorge. *O futuro tem nome: juventude*. São Paulo: Paulinas, 1994.

BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In; *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*.

Helena Wendel Abramo, Pedro Paulo Martoni Branco. (orgs) – São Paulo; editora fundação Perseu Abramo, 2008.

BURDICK, John. *Procurando Deus no Brasil*. Trad. Renato Luiz Dodsworth Machado. Rio de Janeiro: Maud, 1998.

\_\_\_\_\_. Pentecostalismo e identidade negra no Brasil: mistura impossível? In: *Raça como retórica a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CAMPOS, Itami. *Nem todos jardins são floridos em Goiânia*. Artigo publicado em: jornal O Popular, Goiânia, 20.01.1997.

CAMPOS, Itami. BERNARDES, Genilda D'arc. *Goiânia: sociabilidades na Periferia*. In: Ciências Humanas em Revista. Ciências sociais. Goiânia v.2, n. 1/2, p. 13-45, 2001.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. Os caminhos dos viajantes. In: *Caminhos de Goiás da construção da decadência aos limites da modernidade*. 2 ed. Goiânia: Ed. UFG, 2001.

GOMINGUES, Álvaro. (sub)úrbios e (sub)urbanos o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos. In: *Revista da Faculdade de Letras-Geografia*. I Série, Vol. X / XI, Porto, 1994/5, p. 5-18.

GOMES, Rui Rocha. Goiânia desigual e segregadora. In: *A cidade e seus lugares*. (org.) Flávia Maria de Assis Paula, Lana de Souza Cavalcanti. – Goiânia ed. Vieira, 2007 p. 29-77.

FERNANDES, Sílvia Regina A. Adesão Religiosa no Segmento juvenil: A Politização ou Reinvenção da Política. In: *Seropédica*. Rio de Janeiro: 2007, v. 29, n. 2 jul.-dez.

FERNANDES, Sílvia Regina A; ePITTA, Marcelo. Mapeando as rotas do trabalho religioso no Brasil. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, RJ 2006, v. 26.

FORACCHI, Marialice Mencarini. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

FREITAS, Guaciara Barbosa de. Periferia midiaticizada - midiaticização da periferia. Artigo apresentado: IV ENECULT. UFBA. Salvador-Bahia maio 2008.

FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GROPPO, Luís Antônio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HALL, Sturt. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaraciara Lopes Louro. 10<sup>o</sup>. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. A transmissão religiosa na modernidade: elementos para a construção de um objeto de pesquisa. In: *Estudos da Religião*. São Bernardo do Campo, S P: 2000, ano XIV, nr. 18.

LEITÃO, Carla Faria. Inventando novas vidas em novas realidades. In: ROCHA, Everaldo...at al., (orgs.). *Comunicação, consumo e espaço urbano; novas sensibilidades nas culturas jovens*. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Mauad Ed., 2006.

MACHADO, M. D. C. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas, S.P Autores Associados, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Introdução: Circuitos jovens. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor Magnani; SOUZA, Bruna Mantese de (orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. 1<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

\_\_\_\_\_. Conclusão: Fechando os circuitos. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor Magnani; SOUZA, Bruna Mantese de (orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. 1<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Editora Terceiro nome, 2007.

MANDARINO, Claudio Marques; SANTOS, Edmilson. Juventude e Religião: cenários no âmbito do lazer. In: *Revista de Estudos da Religião*. São Bernardo do Campo-SP: Umesp, 2005, n. 3, p. 161-177.

\_\_\_\_\_. Pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil. In: GUTIÉRREZ, Benjamín, CAMPOS, Leonildo Silveira. *Na Força do Espírito: Os pentecostais na América Latina: Um desafio às Igrejas Históricas*. São Paulo: Pendão Real, 1996.

MARTELLI, S. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MARTINS. Vilmont de Moura. A juventude urbana e sua relação com o espaço. In: *A cidade e seus lugares*. (org.) Flávia Maria de Assis Paula, Lana de Souza Cavalcanti. – Goiânia ed. Vieira, 2007 p. 202-218.

MENDONÇA, A. G. *A crise do culto protestante no Brasil*. In: *Estudos de Religião*. São Bernardo do Camp-SP: UMESP, 1985, nr. 2, p. 30-60.

MENESES, Branca de Maria. *Juventude, trabalho e formação: um estudo com jovens das camadas populares*. Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo 2007.

MORAIS, Itelvides Jose. *O protestantismo pentecostal em Goiânia: de 1970 a 2000*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2003.

MOYSÉS, Aristides. *Goiânia metrópole não planejada*. Goiânia: ed. UCG, 2004.

MOYSES, Aristides; BERNARDES, Genilda D´arc. Segregação urbana e desigualdade social em Goiânia: estado, mercado imobiliário e dinâmica socioespacial. In: *Cidade, segregação urbana e planejamento*. (org.) Aristides Moyses. Goiânia: editora UCG, 2005 p. 173-204.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de, EUGÊNIO, Fernanda Eugênio (orgs.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião” ventos secularizantes: “espírito de época” e novos sincretismos. In: *Estudos Avançados*. , nr 18, SP, 2004.

OLIVEIRA, Adão Francisco. *Goiânia heterotópica: a integração excludente*. Disponível em: [www.ippur.ufrj.br/observatorio](http://www.ippur.ufrj.br/observatorio). Acesso em: 3 mai. 2008.

OLIVEIRA, Adão Francisco. A reprodução do espaço urbano em Goiânia: uma cidade para a capital. In: *Cidade, segregação urbana e planejamento*. (org.) Aristides Moyses. Goiânia: editora UCG, 2005 p. 127-156.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividade e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PALACIN, Luís. *Quatro tempos de ideologia em Goiás*. Goiânia: Editora Cerne, 1986.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Pichando a Cidade: apropriações “impróprias” do espaço urbano. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. 1º. Ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

PRYSTHON, Ângela. Margens do mundo: a periferia nas teorias do contemporâneo. In: *Revista FAMECOS*. Porto Alegre: 2003, nr 21, p. 43-50.

RIVERA, Dário. Paulo Barreira. Desencantamento e reencantamento: sociologia da pregação Protestante na América Latina. In: *Estudos de Religião*. SBC: UMESP, 2002, nr. 23, p. 56-82.

\_\_\_\_\_. Desencantamento do mundo e declínio dos compromissos religiosos. A transformação religiosa antes da pós-modernidade. In: *Ciências Sociais e Religião*. Porto Alegre: 2002, nr. 04, p. 87-104.

\_\_\_\_\_. *Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina*. São Paulo: Olho D'água, 2001.

\_\_\_\_\_. Tradição, memória e pós-modernidade: implicações nos fatos religiosos.

In: *Estudos de Religião*. São Paulo: UMESP, 1998, nr. 15, p. 51-61.

ROCHA, Everaldo. Coisas estranhas, coisas banais: notas para uma reflexão sobre o consumo. In: *Comunicação, consumo e espaço urbano; novas sensibilidades nas culturas jovens*. ROCHA, Everaldo Rocha... et al., (orgs.). Rio de Janeiro: PUC-Rio/Mauad Ed., 2006.

ROLIM, Francisco, Cartaxo. *Religião numa sociedade em transformação*. Petrópolis, Rio de Janeiro; Vozes, 1997.

RUMSTAIN, Ariana. A balada do Senhor. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. 1ª Ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

SILVA, Sérgio Duarte da. História dos bairros de Goiânia. In: *Relações cidade-campo: fronteiras*. (org.) Luis Sérgio Duarte da Silva. Goiânia: ed. UFG, 2000 p. 129-154.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In; *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. Helena Wendel Abramo, Pedro Paulo Martoni Branco. (orgs) – São Paulo; editora fundação Perseu Abramo, 2008.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do Estado de São Paulo*. Investigaciones geográficas, boletim del instituto de geografia (UNAM) n. 54, 2004, p.114-139.

SOFIATI, Flávio Munhoz. *Jovens em movimento: o processo de formação da pastoral da juventude do Brasil*. Dissertação de mestrado. São Paulo: UMESP, 2007.

TAVARES, Fátima Regina Gomes; CAMURÇA, Ayres Marcelo. “Juventudes” e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. In: *Ciências Sociais e Religião*. Porto Alegre: 2006, ano 8, nr. 8, p. 99-119.

TAVARES, Fátima Regina Gomes e CAMURÇA, Ayres Marcelo. Religião, família e imaginário entre a juventude de Minas Gerais. In: *Numem: Revista de Estudos e*

*Pesquisas da Religião*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2004, v. 7 n. 1, p.181.

TERRIBELLE, Alexssandra Oliveira. *Juventude, trabalho e ensino: um estudo sobre os jovens da periferia de Goiânia*. Dissertação de Mestrado. Goiânia UFG, 2006.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Jovens na metrópole; etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade* / José Guilherme Cantor Magnani e Bruna Mantese de Souza (orgs.). *Corporalidade e festas na metrópole*– 1. Ed. – São Paulo; Editora Terceiro Nome, 2007.

VELHO, Gilberto. *Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea*. : ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIA, Fernanda Eugênio (orgs.). *In: Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

WASELFISZ, Júlio Jacob. *Mapa da violência IV: os jovens do Brasil*. UNESCO-Brasil abril 2004.

VALLE, Edênio. *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo: Loyola, 1998.

#### Jornais

O Popular, Goiânia (Jd novo mundo a espera de melhorias. em 14/07/1995, p.5)

O Popular, Goiânia (sobre o crescimento dos evangélicos no Brasil e em Goiás. em 11/07/2002, p. 3)

O Popular, Goiânia (sobre assassinado de jovem inglesa na região leste de Goiânia 31/07/2008, p. 6)

O Popular, Goiânia (sobre o aumento do número de assassinatos relacionados ao uso de drogas na capital, p. 4)